II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

# O brincar das crianças de abrigo: um estudo de caso brasileiro.

Therense, Munique.

Cita:

Therense, Munique (2010). *O brincar das crianças de abrigo: um estudo de caso brasileiro. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-031/227

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/eWpa/toz

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de* acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

# O BRINCAR DAS CRIANÇAS DE ABRIGO: UM ESTUDO DE CASO BRASILEIRO

Therense, Munique
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CAPES. Brasil

**RESUMEN**
El trabajo analiza las características de los juegos escogidos por un niño brasilero, de siete años, que se encuentra en situación de abrigamiento. Para eso, se utilizó las descripciones detalladas de las sesiones de psicoteriapia infantil, realizadas durante un año de atendimiento. El objetivo fue destacar los temas recurrentes en el processo terapêutico, los juguetes mas usados, bien como promover la visibilidad para las especificidades de este tipo de juego. Fue identificado: a) preferencia por casas de juguete y muñecos representando La familia; y por temas como guerra, pierdas y cuidado; b) dificuldad en verbalizar los sentimientos y el uso del juego como mediadora de su expresión; c) el apego a la sala y a sus juguetes , entre otros

Palabras clave
Niño Psicoterapia Abrigo Jugar

**ABSTRACT**
THE PLAY OF CHILDREN FROM SHELTERS:
A BRAZILIAN SURVEY
The paper analyzes the characteristics of the games chosen by a Brazilian child, aged seven, who is in sheltering situation. To that purpose, it was used the detailed descriptions of the child psychotherapy sessions, conducted during one year of treatment. It was aimed to highlight the recurring themes in the therapeutic process, the most used toys, as well promote visibility to the specificities of this type of game. It was identified: a) preference for toy home and dolls representing family, and for subjects such as war, loss and care, b) difficulty in verbalizing feelings and the use of game as a mediator of self expression, c) attachment to the set and its toys, among others.

Key words
Child Psychotherapy Shelter Play

**ESTUDO DE CASO**
Raul (que significa aquele que luta com prudência, combatente; lobo vermelho) possui uma história de vida bastante peculiar. Nasceu na cidade de Macaíba/RN/Brasil, em 27/02/2001 e já nesta época, sua mãe era usuária de drogas. Segundo informações da assistente social da Casa de Passagem (instituição em que a criança se encontrava abrigada no início da ludoterapia), sua gestação foi bastante conturbada, pois além de ser usuária de entorpecentes, inclusive durante a gravidez, a mãe não possuía um ritmo saudável de vida. Por este motivo, pessoas da vizinhança denunciaram (a primeira vez quando a criança tinha três anos) a genitora para o Conselho Tutelar e a criança foi abrigada. No abrigo, Raul se alimentava bem, não rejeitava nenhum alimento. Passava a manhã na instituição e a tarde na escola. Chegou à clínica por apresentar um comportamento pouco sociável, não gostando quando pessoas "de fora" tentavam falar com ele e nem querendo sair do abrigo para realizar outras atividades. Aos sábados, domingos e feriados, quando as crianças faziam passeios para fora do ambiente do abrigo, Raul pedia para não sair, preferindo ficar junto com os bebês. Era considerada uma criança muito tímida e calada, porém quando estava com seus amigos, brincava, gostava de assistir filmes, brincava de bola e de carrinho. Gostava muito de brincar e estar com os irmãos, demonstrando uma atitude protetora para com eles; somente nesse contexto tornava-se um pouco mais desenvolto. Foi perceptível, também, uma aparente lentidão dos movimentos, destoando em parte do uso da energia que crianças de sua idade geralmente fazem. Tanto Raul quanto seus irmãos já estiveram desnutridos, além de doenças como escabiose (doença de pele) e verminoses. Antes da destituição do poder familiar, quando a mãe ia visitá-los na Casa de Passagem, freqüentemente gerava conflitos afirmando que iria levar seus filhos pra casa.
Raul, em seu primeiro ano de psicoterapia, pôde trabalhar os choros excessivos e o constrangimento social. Quando se tornou meu paciente, em 2008, já tinha segurança para iniciar e sustentar diálogos.
Em nossa **primeira sessão** Raul escolhe se apresentar como uma criança que tem grandes habilidades, destacando seus feitos e me oferecendo uma imagem de uma criança grande, que sabe fazer coisas direito. Perceber isso é importante na medida em que diz que partes dela ela quis que eu conhecesse naquele momento.
Na **segunda sessão** Raul pegou o recipiente com os animais. Retiramos todos e começamos a deixar os bichos de pé. Quando toda a fazenda estava posta à mesa, Raul decidiu fazer um curral que coubesse todos os animais dentro. Separou dois dinossauros para ficar do lado de fora, alegando que eles eram os monstros. Explicou-me que os monstros não conseguiam pegar quem estivesse dentro do curral. Então, depois de termos montado um grande cercado, começamos a colocar os brinquedos dentro. Cada animal que ele pegava, trazia um comentário: alguns eram tios, outros filhos, outros eram designados a ficar em lugar especial, outros tinham que, necessariamente, ocupar uma posição de defesa. Dentre os bichos, o que mais chamou a atenção da criança foi a porca deitada para dar de mamar aos filhotes. Enquanto colocava os filhotes para mamar, Raul disse que quando era pequeno mamava, mas que agora ele era grande e não mais o fazia. Então separou dois cavalos e os colocou fora do cercado. Um cavalo grande que ele denominou mãe, e um cavalo menor que ele denominou filho. Os dois cavalos ficaram em pé, em posição de defesa do cercado. Então começou uma briga entre os quatro animais (os dois cavalos e os dois monstros). Muitas mordidas e deslocamentos aconteceram. O cavalo mãe morreu e caiu fora da mesa. Nesse momento Raul assumiu ser o cavalo filho, dizendo "Aí esse sou eu. Aí eu fui bati nele assim (construiu a luta com riquezas de detalhes - a cauda machucando o rosto, a pata batendo no estômago). Aí ele (o monstro) morreu (nesse momento Raul pega o cavalo mãe e traz de volta à mesa). Porque antes ele fez isso porque eu era pequeno e era fraco, mas agora eu sou forte. E eles foram felizes para sempre." Então ele juntou todos os animais e acabou a brincadeira.
Aqui, Raul revela suas fantasias sobre força e fraqueza e as atribuições a cada uma destas características. Quando se tornou forte, o cavalo filho conseguiu matar todos os inimigos e trazer sua mãe de volta. Essa força é proporcionalmente associada à "ser grande"; quanto mais se cresce, mais se está preparado para defender a si e aos outros. Além disso, a figura materna foi a escolhida para, junto com o cavalo filho, defender todos os outros animais. Aqui, é dado, pela criança, um poder diferente à figura da mãe. Entretanto, é sabido que, na realidade, a mãe foi negligente, sendo incoerente o que a criança expressa na brincadeira e o que se percebe na realidade. A identificação de Raul com a brincadeira foi tão verdadeira, que em um dado momento ele denominou verbalmente que ele era o cavalo filho.
Na **terceira sessão a** figura da irmã aparece como bastante significativa. Raul se representa brincando com ela e sendo o responsável por fazê-la se divertir (empurrando a moto, fazendo-a escorregar no escorregador), reforçando a percepção do bom vínculo que os dois irmãos construíram.
Na **quarta sessão** destaca-se o fato de a criança continuar usando freqüentemente as expressões "eu sou grande" e "quando eu era pequeno", bem como insistir em mostrar a terapeuta que ela consegue realizar ações. Além disso, Raul relaciona 'ser grande' à ausência de tristeza, fazendo a associação do choro com esta última e se colocando na condição de não chorar que, conseqüentemente, o coloca também na condição de incondicional-

mente feliz. Assim, surgiram as questões: como será que a criança expressa sua tristeza? E como ela vivencia seus sofrimentos? Na brincadeira, foi possível perceber também um misto entre a realidade do abrigo, estando presente tanto as crianças como as normas da instituição, e a fantasia da presença contínua da mãe (há o lugar dela nos ambientes que ele constrói ou desenha). O brincar de Raul aponta para a existência de um vínculo com a figura materna, seja a real ou a idealizada. Entretanto, diferente da figura materna, a paterna aparece no desenho, mas de forma distante do resto da família; aparece também como destinatário de um dos desenhos. Entretanto, não há o lugar reservado para o pai nas construções e as crianças ainda se escondem dele. O vínculo com essa figura não se apresenta tão forte.

Na **sexta sessão** Raul trouxe sua percepção sobre a saída do abrigo. Para a criança é a conduta dela que determina a permanência na instituição. Ele começa perceber que outras crianças já estão saindo e aponta isto. É a primeira vez que ele se refere à saída e permanência. Qual o impacto que a saída das outras crianças em suas expectativas? Como Raul ficará quando perceber que seus esforços para não dá trabalho não serão suficientes para mudar sua realidade?

Na **sétima sessão** a criança exprime sua saudade, mas ao mesmo tempo se recusa a falar dela. Admitir este sofrimento, bem como entrar em contato com ele produz novas dores. E Raul sente-se grande demais para deixar-se chorar, sofrer.

Na **oitava sessão** foi possível falar sobre os procedimentos do abrigo. Raul disse que quem não dá trabalho pode sair de lá. Pergunto sobre adoção e ele responde que “Se tem família, vai pra família. Se não tem, vai adotar. Eu tenho pai e mãe”. Depois começa a explicar a situação dos pais de Raul, uma criança nova, apontando que os pais dele estão presos e que, por isso, Raul está lá. Fala ainda que muitas crianças estão chorando, querendo voltar pra casa. “Todo mundo ta saindo”. Pergunto se faz tempo que ele não vê a mãe. Ele responde que não a vê desde a última visita. Falo que estou ali pra ajudá-lo, e que ele pode falar sobre o que quiser, inclusive sobre alguma coisa que o deixa triste. A resposta a isso foi: “Mas eu não fico triste”. Repito sua fala e reitero minha disponibilidade para ouvi-lo caso um dia ele queira falar de tristezas. Aqui, é possível perceber que Raul não só entende a dinâmica da instituição, como explica a relação entre a ausência dos pais e a entrada do novo colega. Entretanto, Raul afirma que tem pai e mãe, mostrando em oposição à idéia de ter uma nova família. Como trazido nas sessões anteriores, a criança ainda inseria sua mãe em sua nova realidade. Possivelmente, aqui, Raul começa a entrar em contato com a possibilidade de não mais voltar para casa e de ter um destino como os outros da instituição: a adoção. Essa experiência tem sensibilizado-o bastante.

Na **nona sessão** Raul fala sobre saudade e sobre “ser grande”. Ele expressa, mais uma vez, o conflito entre ser grande e expressar o sofrimento. Sendo o irmão mais velho, ele assumiu o lugar de protetor dos mais novos, tendo assim, que manter sua imagem de forte para eles. Neste caso, ser forte significa não manifestar seu sofrimento, preferindo a criança se proteger com suas defesas e preservar sua identidade inabalável.

Na **décima terceira** sessão havia um fato novo na história de Raul: a irmã F. foi adotada por uma família. Logo, ele chega triste, entra na sala segurando a minha mão e está cabisbaixo. Embora ele tenha sido informado no abrigo sobre a adoção de sua irmã, ele continua fantasiando sobre o destino dela, alegando que a irmã estava doente, internada no hospital. Sua fala revela a dificuldade em aceitar a separação. Neste sessão a criança fala, ainda, dos seus sonhos e expectativas. Por isso, a intervenção acontece de forma tal que se possa explorar os sentidos dados pela criança à vida proporcionada pela nova família. No restante da sessão Raul brincou com os animais. Na brincadeira, todos eles se uniam para procurar uma menina que estava presa. No final, a menina é liberta e o tio das crianças constrói uma casa para todos. Mais uma vez permanece a fantasia sobre a vida compartilhada com a irmã. Para Raul é muito difícil pensar sua vida sem F., por isso ele sai em busca dela, expressando seu desejo de libertá-la da prisão que os mantêm separados.

Nesta semana seguinte, a irmã de Raul volta a morar no abrigo (os motivos não serão discutidos aqui). Assim, ele chega feliz e falante na **décima quarta sessão**. Remete-se aos fatos de seu passado e seu sentimento de impotência, na época, de não poder contrariar a situação. Agora, considerando-se forte, ele expressa desejo de posicionar-se diante dos fatos de sua vida. Entretanto, expressa medo de que, após adotado, algo o leve de volta ao abrigo, assim como aconteceu à sua irmã F.. Por isso a intervenção aconteceu no sentido de trazer os dados de realidade para criança, que neste momento precisava da segurança de que não seria abandonado de novo. Nesta sessão, a criança brinca com um ritual de despedida de sua antiga família e depois faz um ritual de aceitação da nova família. Foi importante colocar as duas famílias frente-a-frente para que a criança não se sentisse traindo nenhuma das duas. Neste caso, a mãe velha passou para a família nova a responsabilidade de cuidar de Raul.

Nas semanas que se seguem sou informada que Raul está prestes a ser adotado. Por isso, a temática da despedida começa a ser trabalhada.

Na **décima quinta sessão** ele conta sua versão da adoção malsucedida de sua irmã F.. e se coloca em oposição à família que outrora os havia separado. Além disso, demonstra na brincadeira dúvida em relação à sua situação, bem como a ansiedade de espera. O sentido que ele dá para a demora é que a mãe está doente e, no momento, não pode pegá-los.

Dessa sessão em diante, Raul inicia um movimento de limpar e organizar a sala. Estes momentos se tornam terapêuticos na medida em que ele começa a, também, organizar-se. A percepção que tenho é de alguém que está “arrumando as malas”. Neste tempo, ele expressa sentimentos de ansiedade, raiva pela espera, desesperança, euforia. Foram dias em que hora o caos aparecia e hora o esperança se estabelecia. Para aumentar a probabilidade de serem adotados juntos, dado forte vínculo entre os irmãos, emitimos um parecer em favor da adoção conjunta. Aconteceu, também, neste ínterim, a adoção dos dois irmãos mais novos.

Após quase dois meses de espera, Raul e F. foram adotados juntos por uma senhora, de 60 anos, divorciada, residente em outra capital. Felizmente, foi possível fazer o fechamento do processo terapêutico.

Assim, a última sessão foi marcada pela despedida oficial e as expectativas quanto a nova casa e a nova vida. A intervenção aconteceu no sentido de fazer a criança refletir quanto ao lugar que ocupa. Com a presença da mãe, ele pode ser mais criança e menos protetor, desfrutando de um lugar, até então, pouco explorado.

Neste momento explico também que ele vai morar em outra cidade e que por isso não vai poder voltar à clínica e a Casa de Passagem. Entretanto, afirmo que ele pode telefonar para ambos os lugares sempre que sentir saudade. Aproveito, também, para entregar um livro que comprei para ele, para ficar de recordação da clínica e de mim. Nós lemos a dedicatória e, depois, fomos brincar com os brinquedos que ele mais gostava. Ao fim, coloquei para ele como foi importante para mim atendê-lo e encerrei afirmando que “foi bom mesmo”. Ele sorriu, saiu da sala, deu tchau pela última vez e correu para o carro.

---

**BIBLIOGRAFIA**


AXLINE, V. M. (1984). Ludoterapia: a dinâmica interior da criança. Belo Horizonte: Interlivros. 2.ed.

COLE, M. & COLE, S. R. (2003). O desenvolvimento da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artmed. 4. ed.

DORFMAN, E. (1992). Ludoterapia. In: C. R. Rogers (1992). Terapia centrada no Cliente. Pp. 269-317. São Paulo: Martins Fontes.

FURLAN, M. R. & GASPARIN, J. L. (2003). A construção do ser criança na sociedade capitalista. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

GIOVANETTI, J. P. (1999). Desafios do terapeuta existencial hoje. In: Angerami-Camon, V. A. (Org.). A prática da Psicoterapia. São Paulo: Pioneira. Pp. 163-180.

JORDÃO, M. P. (1987). Reflexões de um terapeuta sobre as atitudes básicas na relação terapeuta-cliente. In: Rosenberg, R. L. (Org.), Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EPU. Pp. 45-52.

MAICHIN. V. (2004). Os diversos caminhos em psicoterapia infantil. In V. A. Angerami – Camon. (Org.). O atendimento infantil na ótica fenomenológico-existencial (pp. 1-50). São Paulo: Pioneira Thomson Learning

MAY. R. (1988). A Descoberta do Ser. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

MEIRA, A. M. (2003). Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. Psicologia & Sociedade, 15 (2), 74-87.

OAKLANDER, V. (1980). Descobrindo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus.

OLIVEIRA, V. B. (2000). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes.

QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A. e BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2006, vol. 16, no. 34, pp. 169-179. ISSN 0103-863X.

ROGERS, C. & KINGET, G. (1977). Psicoterapia e relações humanas. Belo Horizonte: Interlivros. 2ª edição.

ROGERS, C. (2005). Psicoterapia e consulta psicológica. São Paulo: Martins Fontes. 3ª. Ed.

ROGERS, C. R. (1983). Um jeito de ser. São Paulo: EPU.

ROGERS, C. R. (1997). Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes. 5ª Ed.

SANTOS, C. B. (2004). Abordagem Centrada na Pessoa: Relação Terapêutica e Processo de Mudança. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca. Acessado em 27 Jun 2008 no world wide web http://www.psilogos.com/Revista/Vol1N2/Santos.pdf

SAPIENZA, B. T. (2004). Conversa sobre terapia. São Paulo: EDUC Paulus.

VOLPATO, G. (2002). Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81. Pp. 217-226.

# CUESTIONARIO PARA PADRES: UNA MODALIDAD DIAGNÓSTICA DE LA SITUACIÓN PARENTOFILIAL

Toranzo, Elena; Sanchez, Mariela Emilce
Universidad Nacional de San Luis. Argentina

**RESUMEN**
En este trabajo presentamos una modalidad diagnóstica que prepara el terreno para el desarrollo de la tarea psicoterapéutica de Grupos de Padres. Mediante esta herramienta, se busca enriquecer el estudio clínico y empírico de grupos psicoterapéuticos para padres propiciando una etapa diagnóstica específica . La aplicación del Cuestionario para Padres, en una versión adecuada a la población clínica, nos permite no solo la apreciación de la situación de cada padre en relación a sus experiencias familiares de la infancia, sino las características de la población-grupo a la que asistimos con este tipo de abordaje. Para su evaluación cualitativa realizamos el análisis de puntajes de dos dimensiones: a) experiencias que amenazan a la seguridad y b) experiencias que favorecen la seguridad y la confianza básica en las relaciones primarias con los padres, al inicio, a los 6 meses y a la finalizacion del grupo Ambas dimensiones se ponen en juego en el rol parental y se transmiten transgeneracionalmente. Aprovechamos de este modo, los aspectos terapéuticos del diagnóstico, teniendo como eje el proceso transferencial y el conflicto relacional padres e hijos.

Palabras clave
Grupos Padres Diagnóstico Psicoterapia

**ABSTRACT**
QUESTIONNAIRE TO PARENTS: A MODALITY OF DIAGNOSTIC EVALUATION ON THE PARENTOFILIAL SITUATION
In this work we present a diagnostic modality that prepares the area for the development of the psychotherapeutical task of Groups of Parents; with this tool we seek to enrich the clinical and empirical study of psychotherapeutical groups for parents propitiating a diagnostic specific stage. The application of the Questionnaire for Parents, in a version adapted to the clinical population, allows us not only the appraisal of the situation of every father in relation to his familiar experiences of the infancy, but the characteristics of the population - group whom we attend with this type of boarding. For its qualitative evaluation we realize the analysis of scores of two dimensions: a) experiences that threaten to safety and b) experiences that favor the safety and the basic confidence in the primary relations with the parents, at the beginning, at the 6 months and at the end of the group. Both dimensions are brought into play in the parental role and are transmitted transgenerationally. We take advantage of this way, the therapeutic aspects of the diagnosis, taking as core the transferential process and the parents-children relational conflict.

Key words
Groups Parents Diagnosis Psychotherapy

## INTRODUCCION

El presente trabajos se encuentra enmarcado en el proyecto de investigación clínico y empírico de grupos *psicoterapéuticos* en el ámbito público y en el programa de extensión universitaria;nuestro enfoque psicoanalítico relacional supone la inclusión, en el tratamiento del niño que es traído a consulta, la posibilidad de atención a los padres. El psicoanálisis actual ha establecido como paradigma la intersubjetividad y el origen y estructuración del psiquismo a partir de la temprana relación entre las figuras parentales y el niño. En este sentido, la teoría psicoanalítica, la técnica e